

Urdimento


REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Não corre, menino!

Leandro de Silva Batista

Para citar este artigo:

BATISTA, Leandro de Silva. *Não corre, menino!*
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas,
Florianópolis, v. 4, n. 53, dez. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573104532024e0602

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Não corre, menino!

Leandro de Silva Batista¹

Resumo

Não Corre, Menino! é um obra teatral da Cia Nosso Olhar, um coletivo negro da cidade de Florianópolis - SC. A peça teve sua estreia na pandemia da covid 19 no formato online. A dramaturgia e a peça se modificaram conforme suas apresentações foram acontecendo. Ela conta a história de Eduardo da Silva Santos, um menino negro e periférico, de 11 anos, que foi alvo uma bala perdida. O monólogo denuncia a violência contra as crianças negras e periféricas e faz uma crítica ao racismo e a violência desproporcional que é utilizada pelas forças armadas nas periferias do Brasil, onde a cada 23 minutos uma pessoa negra é assassinada. No momento atual a peça conta com quase 40 apresentações.

Palavras-chave: Antirracismo. Teatro negro. Cia Nosso Olhar. Genocídio negro. Racismo.

Don't run, boy!

Abstract

Don't Run, Boy! is a theatrical work by Cia Nosso Olhar, a black collective from the city of Florianópolis - SC. The play premiered during the Covid 19 pandemic in an online format. The dramaturgy and the play changed as its presentations took place.. It tells the story of Eduardo da Silva Santos, an 11-year-old black and peripheral boy, who was the target of a stray bullet. The monologue denounces violence against black and peripheral children and criticizes racism and the disproportionate violence used by the armed forces in the outskirts of Brazil, where every 23 minutes a black person is murdered. Currently, the play has had almost 40 performances.

Keywords: Anti-racism. Black theater. Cia Nosso Olhar. Black genocide. Racism.

No corras, niño!

Resumen

No corras, niño! es una obra teatral da Cia Nosso Olhar, colectivo negro de la ciudad de Florianópolis - SC. La obra se estrenó durante la pandemia de Covid 19 en formato en línea. La dramaturgia y la obra fueron cambiando a medida que se desarrollaban sus presentaciones. La obra cuenta la historia de Eduardo da Silva Santos, un niño negro y periférico de 11 años, que fue objetivo de una bala perdida. El monólogo denuncia la violencia contra los niños negros y periféricos y critica el racismo y la violencia desproporcionada utilizada por las fuerzas armadas en las afueras de Brasil, donde cada 23 minutos es asesinado una persona negra. Actualmente, la obra ha tenido casi 40 representaciones.

Palabras clave: Antirracismo. Teatro negro. Cia Nosso Olhar. Genocidio negro. Racismo.

¹ Doutorando em Artes Cênicas na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Mestre em Artes Cênicas pela UDESC. Graduado em Artes Cênicas na Universidade Federal de Santa Catarina. Cofundador da Cia Nosso Olhar e integrante do Coletivo Inclassificáveis. Ator, diretor e professor (UFSC).

 leandbatista@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/3572251833856361>  <https://orcid.org/0009-0004-5347-1057>



Não corre, menino!

Introdução do autor

Não corre, menino! é uma peça teatral em que uma criança de 11 anos narra como uma “bala perdida” encontrou seu corpo. A criação dessa obra que se encontra com a realidade de um país que mata um jovem negro a cada 23 minutos, de acordo com a campanha “Vidas Negras”, lançada pelas Nações Unidas no Brasil em 2017². Um país refém do que Achille Mbembe vai chamar de necropolítica, tão constante nas periferias do Brasil, que se deparam com a presença naturalizada da polícia em seu território, atuando de forma discriminatória. A dramaturgia da peça teatral nasceu em 2020, durante a pandemia da Covid 19, em um exercício realizado pela Cia Nosso Olhar. A proposta era escrever uma narrativa que atravessasse nossas vidas em sua relação com a infância negra e periférica. Meu processo foi de lembrar de um ato truculento que a polícia militar de Florianópolis produziu com um dos meus irmãos, em que confundiram ele com um assaltante. A justificativa da polícia foi que meu irmão estava de amarelo e que estava correndo na rua - cor da roupa que o assaltante estava. Meu irmão tinha apenas 11/12 anos³.

Essa lembrança, com o voltar para a casa de minha mãe e meu pai e com as mortes de jovens negros acontecendo, como o caso do menino João Pedro⁴ de 14 anos, mesmo com a crise sanitária em todo o mundo, foram alguns dos disparadores para a criação da dramaturgia de *Não corre, menino!*. Que era uma das frases que tenho na memória que minha mãe falava para mim e meus irmãos. No Brasil, as mães de crianças negras já entenderam há muito tempo que menino negro correndo, deixa de ser menino para a polícia. Para ela, a polícia, menino

² Coletivo Independente de Arte Negra Nosso Olhar, ou somente Cia Nosso Olhar, é um coletivo de arte de pessoas negras da cidade de Florianópolis, criado em 2019.

³ Esse debate está mais aprofundado na minha dissertação de mestrado *Negritude em cena: A presença negra nas peças 5 minutos e Não corre, menino!*
<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000aa/0000aac8.pdf>

⁴ João Pedro tinha 14 anos quando foi assassinado durante uma operação policial em São João Gonçalves, região metropolitana do Rio de Janeiro, em 18 de maio de 2020. João Pedro estava dentro de casa e levou um tiro de fuzil na barriga. Nessa matéria.



negro correndo é bandido, pois, no mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como algo ruim, mesmo sendo uma criança o sujeito é considerado perigoso, uma ameaça (Kilomba, 2020, p. 153)⁵.

Todas as personagens que estão no enredo da peça, com exceção da personagem Eva, foram batizadas com o primeiro nome de pessoas negras reais que foram assassinadas nos últimos anos. Sendo elas: Eduardo de Jesus⁶, de 10 anos, morto na porta de casa com um tiro da polícia no Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio de Janeiro, no dia 2 de abril de 2015; Cláudia Silva Ferreira⁷, 38 anos, baleada com 2 tiros quando saiu de casa para comprar pão. A PM do Rio de Janeiro jogou seu corpo no porta-malas do carro, que se abriu, e Cláudia foi arrastada por 350 metros, em 16 de Março de 2014. O seu corpo foi filmado sendo arrastado e o caso ficou conhecido como a mulher arrastada; Ágatha Félix,⁸ 8 anos, morta quando voltava para casa em uma Kombi. Ela estava com sua mãe, quando foi baleada nas costas pela polícia, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, no dia 20 de Setembro de 2019; Evaldo Rosa dos Santos⁹, 51 anos, músico que durante um passeio com a família, no dia 07 de Abril de 2019, foi alvejado por 257 tiros de fuzil pelo Exército Brasileiro. Seu carro foi atingido por 62 disparos, Evaldo morreu na hora, sua esposa, que estava grávida, e seu filho, menor de idade, assistiram tudo. Esse fato ficou conhecido como o caso dos 80 tiros, em que o Exército Brasileiro “confundiu” o carro de Evaldo com o de um traficante e “abriu fogo”.

⁵ *Memórias da Plantação* é um livro de Grada Kilomba, publicado no Brasil em 2019 pela editora Cobogó, que entre tantas coisas que discute, vai trazer as questões dos racismos cotidianos que são naturalizados.

⁶ O caso de Eduardo de Jesus voltou às notícias por causa do teatro. A peça "Macacos" de Clayton Nascimento trouxe o caso não resolvido outra vez para os assuntos, a ponto de reabrirem a investigação sobre a morte de Eduardo. Pode-se ler mais sobre o caso aqui: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/08/31/caso-eduardo-com-novas-provas-advogado-pede-ao-mp-para-desarquivar-processo-sobre-menino-morto-em-2015-por-pms-no-alemao.ghtml>

⁷ Como muitos casos, o de Cláudia Silva Ferreira é mais um no Brasil em que os policiais, responsáveis pela morte da vítima, são inocentados. Pode-se ler mais sobre o caso aqui: <https://www.brasildefatorj.com.br/2024/03/22/caso-claudia-ferreira-mulher-foi-baleada-e-arrastada-por-aviatura-mas-pms-foram-absolvidos>

⁸ No dia 20 de Setembro de 2024 a morte de Agatha completará 5 anos e, até o momento, encontra-se sem resolução. Pode-se ler mais sobre o caso aqui: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghtml>

⁹ Um dos casos mais emblemáticos dos assassinatos cometidos pelo Estado brasileiro, segue aberto. Pode-se ler mais sobre o caso aqui: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/04/07/mulher-de-musico-metralhado-pelo-exercito-relata-traumas-do-filho-5-anos-apos-crime-julgamento-nao-tem-previsao-para-acabar.ghtml>



A peça teatral busca trazer à tona a denúncia deste Estado que vem aniquilando pessoas negras e também procura encontrar outras possibilidades e perspectivas ao fugir da “bala perdida”.

Dossiê Temático: Teatralidades negras, africanas e afrodiaspóricas

A dramaturgia, “Não corre, menino!”, relata de forma cênica e lúdica um pouco da realidade de muitos jovens negros no Brasil. No atlas da violência de 2024, com dados de 2022, comprova-se que a cada 10 pessoas assassinadas no Brasil, 7 são negras¹⁰. E as crianças negras também se enquadram enquanto alvo desses homicídios, que grande parte da sociedade brasileira acaba naturalizando por não ser algo atípico. No livro *Racismo Estrutural*, de 2019, entre as páginas 122 e 123 podemos ler:

O racismo, mais uma vez, permite a conformação das almas, mesmo as mais nobres da sociedade, à extrema violência a que populações inteiras são submetidas, que se naturalize a morte de crianças por “balas perdidas”, que se conviva com áreas inteiras sem saneamento básico, sem sistema educacional ou de saúde, que se exterminem milhares de jovens negros por ano, algo denunciado há tempos pelo movimento negro como genocídio (Almeida, 2019).

Dessa forma, buscamos na obra teatral trazer um pouco da realidade que muitos jovens negros passam, mas também tínhamos a intenção de propor caminhos outros. Mas isso não estava acontecendo até outubro de 2023. A dramaturgia teve a sua estreia como peça teatral em Fevereiro de 2021, em um festival de São Paulo, Felino Preta, com a participação no formato *online*. Ao longo de 2021 a peça se apresentou no formato online, tendo sua estreia com o público presencial em novembro do mesmo ano, em formato híbrido em Florianópolis - SC. Nessa primeira apresentação com público e nas apresentações que seguiram todas no estado de Santa Catarina, até agosto de 2023, nós sentíamos que o final da peça não estava informando o que queríamos. Assim como recebíamos muitos retornos positivos, algumas pessoas, em sua maioria negras, nos falavam como a peça não lhes fazia bem. Nós mesmos demoramos a entender o porquê da obra nos machucar tanto. Após esse tempo, entre 2021 a 2023, nós encontramos outros

¹⁰ Pode-se acompanhar as informações do Atlas da violência nessa matéria:
<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/06/18/homicidios-brasil-negros-vitimas-atlas.htm>



caminhos com a peça teatral, e alteramos ela. Na proposta inicial Eduardo nos narra a história de forma póstuma, ou seja, ele já havia morrido, iniciava no chão sem vida e ao fim voltava ao lugar da morte. Na nova versão Eduardo não morre, propondo assim um outro futuro possível para ele e para os jovens negros no Brasil.

Atualmente estamos beirando quase 50 apresentações, já tendo ganhado prêmios como Aldir Blanc, Elisabete Anderle e Paulo Gustavo, no estado de Santa Catarina. E em setembro de 2024 fizemos uma temporada no Rio de Janeiro, com 16 apresentações no SESC Tijuca, após ganharmos o Prêmio SESC Pulsar de 2023/2024.

NÃO CORRE, MENINO!

PARTE I

Corpo estirado no chão.

A bala perdida costuma encontrar um corpo, e quase sempre esse corpo é negro. Hoje, ela me encontrou.

Meu nome é Eduardo da Silva Santos, gosto que me chamem de Eduardo da Silva. Tenho... tinha. 11 anos. Morava na Vila Piqui, com as minhas irmãs Claudia e Ágatha, com meu pai Evaldo, e com a minha mãe, Eva.

A minha mãe, sempre falava que eu não devia ficar correndo por aí, porque poderiam me confundir. Ela falava:

- Não corre, menino!

E eu, como sempre, nem dava bola... e sai correndo.

Minha irmã Claudia já tinha 15 anos e era muito responsável. Ela cuidava de mim e da Ágatha. Agora Ágatha era um problema pra mim. Ela era minha irmã gêmea e a gente brigava por tudo. Era pra ir ao banheiro, pra ver TV, ou pra ter a atenção de Claudia.



O meu pai, o Evaldo. Ele era gari. Ele saía de casa às 6 da manhã e só voltava às 8 da noite. E sempre quando ele chegava, ele tava muito cansado pra brincar com a gente. Isso durante a semana. Porque aos finais de semana ele sempre nos levava pra sair. Às vezes nas feirinhas do centro, outras vezes nos parquinhos. Mas o que eu mais gostava era quando ele nos levava pro samba. Ele tocava cavaquinho. A verdade é que eu sempre falava pros meus amigos que meu pai era músico e não gari.

O grupo dele se chamava samba com *swing*, eles eram muito bons. Tinha uma música que eles tocavam no final de todo show que gostava muito. Era algo mais ou menos assim:

- Boa noite, boa noite, pra quem se encontrou no amor. Boa noite, boa noite, pra quem não desencantou. Boa noite, boa noite, pra quem veio só sambar...

Bom, eu não vou ficar aqui cantando pra vocês, até porque o que quero contar é uma outra coisa.

O que eu quero contar pra vocês, começou há exatamente uma semana.

Era um sábado de manhã, lembro que olhei no chevette velho do meu pai marcavam 10:17h. Meu pai, Claudia e eu estávamos indo para um de seus Sambas. Minha mãe e Ágatha haviam ficado em casa, porque Ágatha havia quebrado uma perna e a mãe não queria que ela saísse com a gente.

Admito que fiquei feliz, assim eu não teria que dividir a atenção do pai e da Claudia com a Ágatha.

No meio do caminho nós fomos parados por um caveirão.

Junto do caveirão tinham uns cinco carros de polícia. Não! Seis! Não... oito, ou mais, não lembro. O que eu lembro foi que quando nosso pai parou o carro, eles vieram correndo na nossa direção, abriram as portas e com toda força do mundo nos obrigaram a sair.

Peguei na mão de Claudia. Eu tava com medo. Tudo aconteceu muito rápido. Quando olhei pro meu pai ele tava com a cabeça coberta de sangue.

Gritei.

Nesse momento senti a terceira maior dor que sentiria em toda a minha vida. Eu não via direito, via nuvens - pelo menos pareciam nuvens. Minha mão esquerda agarrava com toda a força a mão direita de Claudia, minha outra mão dançava no ar como se tivesse vida própria.



Depois de algum tempo, que não saberia dizer quanto... até porque lembro da professora de história falando pra gente mais ou menos assim na sala de aula:

- Crianças, o tempo é relativo.

Mas eu acho que foram dois minutos. Quando olhei pra minha irmã Claudia ela falava:

- A polícia levou o pai. Entra no carro!

Entrei.

A minha surpresa ao entrar no carro foi olhar pra minha irmã, Claudia, e perceber como ela dirigia bem. Ela entrou no carro, colocou o cinto em mim, colocou o cinto nela, ajustou os espelhos, trocou de marcha, colocou o banco pra frente, girou a chave e acelerou.

Eu reconhecia o caminho que ela tava fazendo. A feirinha... o parquinho. A gente tava indo pra casa. Quando a gente chegou ela falou:

- Fica no carro.

E saiu.

Eu não saberia dizer quanto tempo ela levou pra voltar - até porque eu já falei pra vocês que o tempo é relativo, né?

Mas acho que foram três minutos.

Quando ela voltou, ela vinha com minha irmã Ágatha e com minha mãe, Eva. A minha mãe me tirou do carro e me perguntou como é que eu tava, e eu respondi:

- Bem.

E ela me abraçou.

Fazia tanto tempo que eu não sentia um abraço tão gostoso.

Quando ela me soltou ela falou:

- Entra em casa e não briga com Ágatha, ela está com a perna quebrada. Claudia e eu já voltamos .

E foi pro carro.

Mas não no lugar da motorista, a minha mãe não sabia dirigir. Agora, a Claudia



podia ter 15 anos, mas ela sabia dirigir e muito bem. As duas entraram no carro e foram.

Eu, ali na rua parado, ainda tomando consciência, olhei pra minha gêmea e falei:

- A polícia levou o pai, Ágatha

Ela me abraçou. Entramos.

PARTE II

Centro do palco, cadeira invertida

O dia passou e não recebemos nenhuma notícia do nosso pai, da nossa mãe e nem de Claudia. Não tínhamos telefone na casa, então não tinha como ligar pra alguém. Ágatha ligou a TV e foi no noticiário da noite que eu entendi tudo.

Âncora do Jornal - projeção

- Na operação 'tráfico zero' a polícia fez um belíssimo trabalho e prendeu um grupo de samba responsável pelo contrabando de maconha na cidade. Os vagabundos se denominavam Samba com Swing. No momento da operação os fios desencapados reagiram, e na trocação de tiros dois deles foram mortos, graças ao bom trabalho da polícia. Um deles com 2 tiros, Jair Franco da Rosa, e outro com 11 tiros - que ainda foi pouco, ein - Evaldo da Silva Santos. De acordo com a polícia os vagabundos - tem que deixar isso bem dito aqui, ein. VA-GA-BUN-DOS, assim tem que chamar. Eles estavam armados e dispararam tiros contra a polícia que revidou...

Eduardo levanta da cadeira

O resto eu não vi. Parecia que meu cérebro tinha saído para dar uma volta. Eu tava ali, parado, olhando pra TV.

Quando dei por mim, vi que na TV passava alguma coisa sobre um siri que bebia cerveja. Olhei pro lado para falar com Ágatha, não vi ela, me preocupei.

Fui até o quarto e a encontrei.

Nosso quarto era pequeno, tinha uma cama de solteiro e um beliche. Ágatha e eu dividimos o beliche, Ágatha embaixo e eu em cima. Só que agora ela tava na cama do lado, cama de Claudia. E chorava, muito.

Mais que a notícia dos 11 tiros que meu pai levou, o que mais me doía era ver minha irmã desse jeito.



E essa foi a segunda maior dor que sentiria em toda minha vida. Eu deitei do seu lado, a abracei, dormimos.

Deita na cadeira. Tempo

Lembro que acordei com gritos. Ágatha estava ao meu lado também se assustou. Levantamos da cama, saímos correndo do quarto, passamos pela sala/cozinha - que era a mesma coisa - chegamos na rua...

E lá estava... a nossa mãe. E junto dela tinha um monte de vizinhos. A nossa mãe chorava, berrava, se debatia. Tentavam segurar ela, mas não conseguiam - parecia que estava em uma roda de terreiro, sabe?

Ela girava e falava tão rápido, que por um momento achei que minha mãe era fluente em alemão... ou russo. Eu não saberia dizer qual. Ela seguiu falando e girando quando ela nos viu, parou.

Olhou nos olhos de Ágatha, depois nos meus e disse:

- Crianças, não acreditem em nada do que irão falar pra vocês. O pai de vocês era a pessoa mais honesta e trabalhadora que existia nesse mundo. O pai de vocês...

Ela seguiu falando, mas o choro a agarrou tão forte que eu não conseguia entender. Era como uma mãe, sabe? Que agarra seu bebê tão forte contra o peito, que a mãe e o bebê se tornam um só.

Então eu perguntei:

- E Claudia?

A minha mãe parou de falar, parou de chorar e tive a sensação que parou de respirar:

- A sua irmã, ela teve que fugir, meu filho.

Eduardo sem reação. Transição de tempo.

Boa noite, boa noite. Pra quem se encontrou no amor...

Então passou um.

Boa noite, pra quem não desencantou...

Dois.



Boa noite, pra quem veio só sambar...

Três.

Boa noite, pra quem diz no pé e na palma da mão...

Quatro.

Pra quem só sentiu saudade, afinal...

Cinco.

Obrigado do fundo do nosso quintal.

Seis dias e nada de Claudia. Nossa vida já não era mais a mesma, nossa mãe não saía de casa e a gente já não ia mais pra aula. Toda a comida que a gente tinha era dos vizinhos que nos traziam.

Eu sempre achei a minha mãe a mulher mais linda do mundo. Ela era alta, tinha os olhos grandes, cabelos curtos que se mantinham bem pretos pelo Henê que ela usava, pele macia, cor de azeviche.

Ah, eu tinha aprendido sobre essa gema fóssil fazia um mês, e toda vez que minha mãe ficava assim meio triste eu chamava ela de:

- Mamis cor de azeviche.

Só que agora ela parecia outra mulher, não passava mais seu pente quente, não colocava seus bobes antes de dormir. A única coisa que ela fazia, era passar o dia inteiro no telefone - que havia comprado já que antes a gente não tinha. Ela buscava alguma coisa num livro grande chamado lista telefônica.

Pausa

Numa manhã parece que ela encontrou o que ela procurava:

- Eu preciso que você fique em casa e cuide da sua irmã, ela tá com a perna quebrado.
- Onde você vai, mãe?

E pela primeira vez senti que ela não via uma criança naquele corpinho magro e escuro de 1,50m.

- Eu vou trazer Claudia pra casa, devo voltar à noite. Agora, você é o homem da casa, meu filho.

Não tive reação, mas sentia que esse beijo molhado na minha bochecha esquerda



não iria se repetir - não que eu fosse mago ou algum vidente - mas eu sabia que era um beijo de adeus.

E essa foi a maior dor que sentiria em toda minha vida.

PARTE III

Projeção fogos

A noite chegou e, com ela, os fogos de artifício tomaram conta como uma trilha sonora. Eu tava na janela, olhando pra lua. Parecia que ela sorria pra mim.

Os fogos seguiam.

Ágatha estava deitada no sofá olhando pra TV com sua roupa da power ranger rosa.

Os fogos seguiam.

Fui até a porta da geladeira onde existia um calendário, pra ver se tinha alguma data comemorativa, mas não tinha nada.

Os fogos seguiam.

Fui até Ágatha e falei que deveríamos usar o telefone pra achar nossa mãe e Claudia.

Os fogos param.

Ágatha gostou da ideia e saiu correndo:

- Eu ligo.
- Não, eu ligo.
- Eu ligo...

Os fogos voltaram.

- Não, eu ligo.
- Eu...

Não!

Não eram fogos, eram tiros. E pareciam estar tão pertos que tive a sensação que



se escutava de dentro de casa. Comecei a falar:

- Vamos pro quarto Ágatha, isso são tiros, Ágatha se abaixa...

Silêncio

- Ágatha?

Ela estava no chão com o telefone fora do gancho em sua mão esquerda. E bem no centro da roupa onde tinha um pterodáctilo saia um sangue, sangue cor vermelha. Olhei pra parede, vi que tinha três buracos ali. Fui até a janela, não vi ninguém.

Voltei até Ágatha.

Chorava baixinho.

Gritei.

Mas não chorei.

Eu não chorei.

Eu não chorei.

Levantei e sai correndo pra fora de casa.

Eu queria buscar ajuda

Eu queria ir pra fora de Vila Piqui.

E não olhava pra trás.

Não olhava pra trás.

Não olhava pra trás.

Não olhava pra trás.

Não olhava pra trás...

Foi quando eu vi.

Lá, estava o Chevette velho do meu pai e ao lado dele minha mãe, Eva, e minha irmã, Claudia. Junto delas tinham uns cinco policiais...

Não!

Seis.



Não.

Oito.

Talvez mais, não lembro.

O que eu lembro é que os policiais não me viram, estavam de costas para mim. Mas a minha mãe e minha irmã elas me viram.

Elas me viram!

E no impulso de ver as duas eu comecei a correr mais rápido na direção delas.

Corri com toda a minha velocidade.

E eu lembro de escutar minha mãe gritando:

- Não corre, menino!

- Não corre, menino!

- Não corre, menino!

- Não corre, menino!

- Não corre, menino!

- Não corre, menino!

- Não corre, menino!

- Menino, corre não!

E eu, como sempre, nem dei bola e saí correndo.

Os policiais se viraram, um deles ou mais, sacaram as armas.

Eu não sei se porque me assustei, ou porque sempre tive medo de polícia, eu me virei e comecei a correr no sentido contrário.

Escutei o primeiro tiro, mas não senti nada.

Escutei o segundo tiro e também não senti nada.

O terceiro eu não escutei.

Cai no chão



Sentia muita dor, não sabia dizer onde. Eu lembro que escutei a voz da minha mãe e da minha irmã, gritando o meu nome:

- Eduardo.
- Eduardo.
- Eduardo!
- Eduuaardo!
- Eduardo.
- Eduuaardo!
- Eduardo!
- Eduardoooooooooooo!

Desconstrução - ator fala

Nesse momento o Eduardo morre.

Aliás, morria.

A gente está cansado de morrer. A gente tá cansado dessa porra de morrer!

Volta a ser Eduardo

Eu não sei se porque me assustei, ou porque sempre tive medo de polícia, eu me virei e comecei a correr no sentido contrário.

Se vira de frente

Repete

Eu não sei se porque me assustei, ou porque sempre tive medo de polícia, eu me virei e comecei a correr no sentido contrário.

Repete

Eu não sei se porque me assustei, ou porque sempre tive medo de polícia, eu me virei e comecei a correr no sentido contrário.

Repete

Eu não sei se porque me assustei, ou porque sempre tive medo de polícia, eu me



virei e comecei a correr no sentido contrário.

Repete

Sempre tive medo de polícia...

Medo de polícia...

Medo de polícia...

Medo de polícia...

Não!

Pausa

A bala perdida costuma encontrar um corpo, e quase sempre esse corpo é negro.
Hoje, ela não me encontrou.

Projeção final com música “Fundo do nosso quintal” de Jorge Aragão.

NÃO CORRE, MENINO!
VOA!

FIM

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br